



**REENCONTROS
NOVOS ESPAÇOS
OPORTUNIDADES**

XXXIV SIC Salão Iniciação Científica

26 - 30
SETEMBRO
CAMPUS CENTRO

Evento	Salão UFRGS 2022: SIC - XXXIV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2022
Local	Campus Centro - UFRGS
Título	Descaso e trauma: reflexos da violência e dos anos de ditadura militar na narrativa indígena de Davi Kopenawa
Autor	CAMILA SAUTHIER
Orientador	CLAUDIA LUIZA CAIMI

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande Do Sul - UFRGS

Autora: Camila Sauthier¹

Orientadora: Prof^a Dr^a Cláudia Luiza Caimi²

Resumo: A violência contra os povos indígenas no Brasil começou muito antes do período de ditadura militar e ainda está presente quase quatro décadas depois do seu fim. No entanto, esse padrão histórico não absolve os governos militares de terem acirrado as tensões entre brancos e indígenas, que culminaram em episódios violentos entre as décadas de 80 e 90. Na verdade, muitas das decisões governamentais durante a ditadura estiveram pautadas em premissas falsas, que incentivaram o oportunismo. Declarações a respeito da inexistência dos povos indígenas brasileiros, junto com o despreparo da Funai, causaram inúmeros incidentes catastróficos que interferiram tanto nas dimensões psicológicas individuais quanto na coletividade dos povos afetados. Uma das maneiras mais eficazes de dimensionar esses danos é analisar a narrativa das vítimas. Assim, o objetivo desse trabalho é trabalhar o testemunho de Davi Kopenawa, em *A Queda do Céu*, sob o prisma do trauma e do período histórico em que está inserido. Para isso, foi conduzida a leitura de textos que realçam a perspectiva indígena do período em que vigorou a ditadura militar no Brasil e destacada a maneira como as estratégias governamentais e o contato violento com os brancos adentram a narrativa desses povos e são articuladas à sua maneira de explicar o mundo. Desse modo, pôde-se perceber e analisar a narrativa de Kopenawa como fruto do trauma proveniente de políticas repressivas e violentas, articuladas entre as décadas de 60 e 90. Por fim, concluiu-se que o testemunho inserido no livro está permeado pelo trauma individual e por memórias que se juntam ao trauma social de outros povos. Ambos são expressados mediante a representação ou simbolização do evento traumático, cuja função é o estabelecimento de significação para a vítima, e a manutenção da identidade do grupo. Essa análise ratifica o caráter terapêutico, político e documental da narrativa e seu poder combativo.

¹Graduanda do curso de Letras, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e bolsista de Iniciação Científica PIBIC CNPq, na área de Teoria da Literatura.

²Professora titular do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.